

O Guarani

Publicado em formato de folhetim para o Diário do Rio de Janeiro durante o ano de 1857, O Guarani é provavelmente o romance de Alencar mais conhecido e aclamado, sendo considerado um clássico da literatura brasileira. O romance possui todos os elementos do romance romântico e indianista, principalmente por se tratar do contato entre os indígenas que aqui estavam com os europeus.



O romance é uma história de amor entre um índio e a filha de um fidalgo português D. Antônio de Mariz que viera às terras brasileiras recebidas por Mem de Sá, um dos primeiros administradores de terra da colônia.

Logo no Prólogo, Alencar avisa seus leitores de que a história que irá contar está presente em um manuscrito encontrado em um velho armário na ocasião da compra de sua casa, de maneira a se eximir caso o trabalho seja considerado ruim.

Dividido em quatro partes: *Os Aventureiros*, *Peri*, *Os Aimorés* e *Catástrofe*, o romance retorna ao ano de 1604, época em que os reinos de Portugal e Espanha ainda disputavam terras no novo continente. A trama inicia às margens do rio Paquequer, um afluente do rio Paraíba, onde está localizada a residência fortificada do fidalgo D. Antônio de Mariz, que vive com sua esposa, Dona Lauriana, seu filho Diogo, sua filha Cecília, sua sobrinha Isabel e o índio Peri. Na propriedade, viviam também aventureiros que participavam de expedições, entre eles, Loredano, o ambicioso italiano que, mais adiante, torna-se o vilão do romance. Outro personagem importante para a trama é Álvaro de Sá, um jovem nobre de confiança do fidalgo português.

O romance, além do fundo histórico, é uma história de amor entre o índio Peri e Cecília, moça loira e de olhos azuis, descrita como dona de uma alma generosa e inocente. Peri é o índio imaginado dentro do ideal do "bom selvagem", do filósofo francês Rousseau, isto é, o índio bom e incorruptível por estar cada vez mais distante da civilização.

Resumo da obra

Parte 1 –

Os Aventureiros

O romance inicia com o aventureiro Álvaro de Sá e seus companheiros que, ao retornarem do Rio de Janeiro, encontram um selvagem, Peri, que se encontrava frente a frente com uma onça com o intuito de agradar a sua senhora Cecília. O jovem índio havia abandonado sua tribo, os **Goitacás**, por causa da linda jovem. Álvaro também se apaixona por Cecília e tenta se aproximar deixando um presente em sua janela. Loredano, enciumado, derruba o presente da janela aos olhos de Peri.

Ceci e Isabel vão tomar banho de rio, quando são surpreendidas por dois índios da tribo dos **Aimorés**. Peri aparece para defendê-las e é vítima de uma flechada. O motivo do ataque é a vingança: uma vez, Diogo matara sem querer uma índia aimoré e agora sua família viera prestar contas. Peri suspeita que haja um ataque à fazenda de D. Antônio.

Enquanto se reabilitava da flechada com o uso de ervas medicinais, Peri ouve uma conspiração vinda de Loredano, que pretende matar D. Antônio e sequestrar Cecília e Isabel para depois partir em busca de um tesouro cujo mapa Loredano conseguiu de maneira escusa.

D. Antônio acha que o evento às margens do rio que quase pôs fim às vidas de Ceci e Isabel era uma brincadeira de Peri e resolve mandá-lo embora de sua propriedade.

Parte I

Peri

A narrativa retrocede em um ano e conta a história de Loredano, um frade carmelita que se apoderou de um mapa das minas de Prata de Robério Dias. Abandona a vida religiosa e o nome de Frei Angelo di Luca para se alojar na propriedade de D. Antônio.

Há também a narrativa do primeiro encontro dos personagens principais: o índio salva Cecília de ser esmagada por uma rocha e associa a imagem de Ceci com a da Nossa Senhora, nutrindo total adoração e fidelidade para com a moça.

De volta ao presente, D. Antônio encarrega Diego de levar adiante a honra da família e a Álvaro, para que cuide de Cecília com a morte do patriarca. Descobre que Peri não estivera brincando no dia do ataque às margens do rio e resolve perdoá-lo. O índio então adverte D. Antônio sobre a ameaça de ataque dos aimorés. Enquanto isso, Cecília procura aproximar Álvaro e Isabel, que nutrem admiração um pelo outro.

Parte III

Os Aimorés

D. Antônio manda Diogo para o Rio de Janeiro em busca de ajuda contra o iminente ataque dos aimorés. Loredano entra no quarto de Cecília com o intuito de raptar a moça. Porém, tem sua mão transpassada por uma flecha de Peri. Enquanto D. Antônio e Loredano lutam corajosamente, a fazenda é atacada pelos índios e, por um momento, todos se unem para lutar contra o inimigo comum. Porém, Peri planeja se infiltrar junto aos aimorés, se envenena e se deixa levar como prisioneiro.

Parte IV

A Catástrofe

Enquanto Loredano prossegue com seu plano diabólico de sequestrar Cecília, seus companheiros, cientes dos verdadeiros interesses dele, decidem matá-lo. Peri é resgatado por Álvaro e revela seu plano ao amigo: havia se envenenado com curare e se fez de vencido para que os inimigos, ao comerem sua carne (prática comum entre as tribos indígenas), ingerissem também o veneno. Com o resgate, ingere um antídoto e se livra do efeito do veneno.

Álvaro, desfalecido, é entregue a Isabel. A moça, ao imaginar que seu amado estivesse morto, ingere veneno para acabar com a própria vida. Com esse último beijo, os dois acabam com suas vidas.

D. Antônio batiza Peri e o incumba de uma missão: levar Ceci até a casa de uma tia, no Rio de Janeiro, para que ela seja criada longe dos conflitos com os indígenas. Enquanto os dois fogem em uma canoa, Peri assiste à destruição da fazenda pelos índios e a morte de seus habitantes (inclusive Loredano e D. Antônio).

Uma enchente na Paraíba faz com que os dois se abriguem no topo de uma palmeira. Quando a água os alcança, Peri arranca uma palmeira do chão, em um esforço praticamente inverossímil.

A narrativa encerra com os dois deslizando pela superfície do rio.

Saiba mais:

- **Curare** -- é um composto venenoso extraído de plantas cujo efeito é paralisante.
- **Final em aberto** -- Em O Guarani, temos Peri e Ceci deslizando pelo rio em uma palmeira sem que o autor desenvolva uma saída para a situação. Não saberemos se os dois chegaram ao Rio de Janeiro, se ficaram juntos ou, é claro, se morreram nessa longa viagem pelo rio.
- **Goitacás e Aimorés** -- nomes de duas tribos indígenas que ocupavam parte do território brasileiro antes da chegada dos europeus. Os aimorés eram inimigos dos brancos e eram antropófagos, isto é, se alimentavam do corpo dos guerreiros mais valentes da tribo inimiga porque acreditavam que assim absorveriam a valentia do guerreiro capturado.